



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 64-65
2012-2013

150 ANOS
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREIROS: DA INTERVENÇÃO À INVESTIGAÇÃO, GESTÃO E APRESENTAÇÃO PÚBLICA

Jacinta Bugalhão¹, Cristina Gameiro², Andrea Martins³, Ana Filipa Braz⁴

¹ DGPC – Uniarch – FCT / jacintabugalhao@gmail.com

² NARC – Fundação Millennium BCP / gameiro.cristina@gmail.com

³ AAP/NARC – Fundação Millennium BCP / andrea.arte@gmail.com

⁴ NARC – Fundação Millennium BCP

Resumo

O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) foi objecto de escavação entre 1991 e 1995, culminando num imediato processo de musealização. Trata-se de uma intervenção arqueológica urbana complexa, na qual foram identificados abundantes vestígios de uma longa diacronia de ocupação, situada entre o século V a.C. e o presente.

O processo de estudo, investigação e publicação científica dos dados recuperados neste local iniciou-se ainda durante a intervenção e continua a decorrer, estando longe de se encontrar concluído, apesar das 48 referências bibliográficas monográficas já produzidas, a que se juntam inúmeras referências em trabalhos de síntese ou sobre outros sítios arqueológicos.

Paralelamente, o sítio tem permanecido aberto ao público, contabilizando cerca de 125.000 visitantes, requerendo um esforço contínuo de manutenção e monitorização, bem como um trabalho permanente de comunicação e transmissão de conteúdos a públicos diferenciados.

Palavras-chave: Arqueologia urbana, Investigação, Musealização, Divulgação.

Abstract

The Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) was excavated between 1991 and 1995, culminating in an immediate process of musealization. It was a complex urban archaeological intervention, in which abundant traces of a long diachronic occupation, between the fifth century BC and the present were identified.

The process of study, research and scientific publication of the recovered data, began during the intervention, still continues and is far from being completed, despite the 48 monographic references already produced, and the numerous references in synthesis and other published works.

In parallel, the site is open to the public, now accounting about 125.000 visitors, requiring a continuous effort for maintenance and monitoring, as well as a permanent effort of communication and transmission of specific contents to different audiences.

Keywords: Urban archaeology, Scientific research, Musealization, Divuligation.

1. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

A ocupação arqueológica no espaço hoje ocupado pelo NARC foi intuída pela primeira vez em 1989, a quando da realização neste local de estudos geotécnicos para preparação do projecto de reabilitação dos edifícios pombalinos. Em 1990, decorreram os primeiros contactos entre a tutela (IPPC) e proprietário/promotor da obra (BCP), com vista à implementação de uma intervenção arqueológica, com objectivos de diagnóstico e salvaguarda dos contextos qua aí eventualmente se encontrassem preservados e que seriam inevitavelmente afectadas pelas obras programadas.

Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se em Junho de 1991, tendo-se prolongado até ao início da obra, em 1994, coincidindo com esta e concluindo-se em Junho de 1995, com a inauguração das instalações. O trabalho de campo, desenvolvido por 17 arqueólogos e técnicos, prolongou-se por cerca de 670 dias, tendo sido escavados 850 m² de extensão, 3000 m³ de sedimentos e cerca de 800 unidades estratigráficas.

Foram muito diversos e abundantes os contextos arqueológicos exumados no NARC. A primeira ocupação humana continuada documentada remonta aos séculos V-IV a.C., no contexto da expansão urbanística ligada aos contactos com povos comerciantes de origem oriental. A cidade cresce na direcção do rio e seu esteiro, surgindo um bairro portuário e comercial. A este bairro pertenceria o conjunto de compartimentos rectangulares com embasamento em pedra, paredes com estrutura vegetal revestida a barro, cobertura vegetal igualmente revestida a barro, pavimento de argila e lareira central. Foi também identificado um forno cerâmico, do qual se conservava apenas a base da fornalha e que se sobrepõe parcialmente, às construções anteriores (Sousa, 2011).

Após um período de abandono urbanístico desta zona baixa da cidade, durante o qual se acumulou um depósito natural de areia, formando uma praia fluvial, a área do NARC foi utilizada, entre

meados do século I a.C. e meados do século I d.C. como cemitério pelos primeiros colonizadores romanos (Bugalhão *et alli*, 2013). Aí identificaram-se oito sepulturas, que correspondem a nove indivíduos, cinco dos quais crianças. Foram identificados dois rituais distintos, a inumação, mais frequente, e a cremação.

No âmbito do acentuado crescimento urbanístico verificado em *Olisipo* a partir do final do século I a.C., a área do NARC é, em grande parte da sua extensão, ocupada por um complexo industrial de salga e conserva de preparados piscícolas, do qual se identificaram 31 tanques (cetárias), agrupados em sete pequenas unidades fabris. Encontravam-se implantadas no subsolo arenoso, em plataformas desniveladas que acompanham o declive da praia e terão laborado entre o século I e meados do século V da nossa Era. Foi possível igualmente, reconhecer algumas construções de apoio às fábricas e um poço (Bugalhão, 2001).

Anexa à área industrial foi construída, provavelmente no século III, uma habitação dotada de termas. Destas foi apenas identificado o *frigidarium*, constituído por um átrio quadrangular pavimentado com um mosaico – o primeiro encontrado na cidade de *Olisipo* – e quatro tanques frios. O mosaico era composto por quatro painéis com uma gama de seis cores, formando motivos geométricos e entrelaçados, de entre os quais se destacam suásticas, quadrados, diamantes, peltas e motivos fusiformes (Amaro e Caetano, 1995).

As áreas, industrial e habitacional, confinariam a Sul, com a via que acedia a *Olisipo* por Oeste, elemento importante do urbanismo da cidade. Esta estrutura era pavimentada a lajes calcárias e ladeada por uma área de circulação pedonal pavimentada a *opus signinum*.

Após o século V, a área baixa da cidade terá sofrido alguma regressão, conservando-se contudo no NARC alguns contextos integráveis na fase tardo-antiga (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013), incluindo uma sepultura isolada. O indivíduo foi inumado paralelamente a um muro industrial romano, rodeado

por telhas e com a cabeça coberta por uma laje de calcário. Tratar-se-ia de um adulto, entre os 30 e os 40 anos, do sexo masculino (Duarte, 2001).

No período de dominação islâmica, a partir do final do século X, forma-se a ocidente da cidade muralhada um arrabalde, no qual se integram os contextos desta época identificados no NARC. Foram exumadas estruturas habitacionais e artesanais, nomeadamente diversos vestígios de actividade oleira (Bugalhão *et alii*, 2008).

Após a conquista cristã da cidade, em 1147, a baixa de Lisboa é reurbanizada com mais intensidade a partir do século XIII. No NARC, a cidade mantém a matriz anterior, tendo sido identificados contextos habitacionais (muros, pavimentos e lixeiras). O contexto mais significativo é constituído por uma fossa de materiais cerâmicos, eventualmente associada a uma olaria, datável do final do século XIII (Gaspar e Amaro, 1997).

O período designado como “pré-pombalino” (séculos XV a XVIII) é fortemente marcado pelo fenómeno da Expansão Ultramarina. Nesta fase, a baixa da cidade mantém o traçado medieval, mas verifica-se um conjunto de fenómenos ligados à sua transformação no centro urbano, político, económico e social (Bugalhão *et alii*, no prelo). Desta época, no NARC, escavaram-se vários troços de arruamentos, construções habitacionais, estruturas industrio-artesanais e poços.

O Terramoto de 1755 encontra-se claramente marcado no registo arqueológico do NARC, nos níveis de ruína e escombros e nos vestígios do grande incêndio subsequente. A reconstrução pombalina encontra-se igualmente presente, nomeadamente, nos pavimentos interiores lajeados, nas calçadas do saguão, nos poços localizados nos limites dos edifícios, nos esgotos e escoadouros e nos vestígios das divisórias interiores originais dos edifícios. Destaca-se ainda, sob os alicerces dos edifícios, a estacaria em pinho verde. Já em fase pós-pombalina funcionaram aqui uma forja e, eventualmente, uma padaria.

2. O NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREIROS

O NARC é uma estrutura de tipo “museu de sítio”. Tendo por base os contextos identificados foi delineada uma estratégia de musealização que privilegiou o valor patrimonial dos vestígios, o estado de conservação dos diversos conjuntos cron-estruturais, o potencial de reconhecimento dos mesmos por parte do público, e a sua implantação altimétrica (uma vez que havia necessidade de integrar os vestígios arqueológicos, sempre que possível, em cave). Assim, foram seleccionados para musealização o conjunto de estruturas urbanas da Idade do Ferro; o complexo industrial, as termas e a via, de época romana; o enterramento tardo antigo; o conjunto de estruturas urbanas sobrepostas de época romana, medieval e pré-pombalina na futura sala da exposição permanente; bem como, alguns elementos arquitectónicos pombalinos (poços, esgotos, estacaria em pinho verde).

No decurso da obra, quando os últimos vestígios foram finalmente colocados a descoberto, o projecto museológico do sítio arqueológico (valorização de conjuntos estruturais e discurso expositivo) foi delineado a partir de uma proposta da equipa de arqueologia. A última fase da obra coincidiu com a preparação das estruturas a musealizar (muito facilitada pelo seu bom estado de conservação).

Assim, quando em Junho de 1995 foi inaugurada a sede do então Banco Comercial Português, esta integrava uma sala de exposições (com uma amostra do espólio recolhido), a área arqueológica musealizada (em cave, rés-do-chão e sob um pavimento vítreo na recepção para funcionários), algumas vitrinas nas montras da agência virada à Rua Augusta e ainda, para apoio às visitas, um guia-catálogo (Amaro, 1995), um desdobrável e uma equipa de guias preparadas para efectuar visitas guiadas dois dias por semana.

Em todo este processo, deve salientar-se a relevância da actuação do gestor do sítio, a Fundação



Figura 1 – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, musealização.

Millennium bcp, quer ao nível do apoio financeiro (à própria intervenção arqueológica, na inventariação e organização de colecção, no restauro de espólio, na investigação, na publicação, na divulgação, nas exposições temporárias, etc), quer, principalmente, na gestão do próprio NARC (gestão corrente, abertura ao público com visitas guiadas e gratuitas, monitorização, manutenção, conservação, promoção e divulgação, etc).

Durante os anos que se seguiram, e sempre no contexto de uma estreita colaboração entre a Fundação Millennium bcp (entidade responsável pela gestão do sítio), arqueólogos e tutela (IPPAR,

IPA, IGESPAR e DGPC), foram muitas e muito diversas as iniciativas desenvolvidas em torno do NARC.

Ao nível da gestão da colecção arqueológica, procedeu-se ao tratamento básico de todo o espólio (limpeza, referenciação, contabilização, acondicionamento, etc). Estes trabalhos decorreram no NARC, durante a intervenção arqueológica, em espaços do Palácio da Ajuda (onde a colecção permaneceu em depósito entre 1995 e 1996) e nas instalações do IPA/IPPAR na avenida da Índia (onde a colecção esteve depositada entre 1996 e 2009). Também aí decorreram o inventário e a organização de toda a colecção (entre 2008 e 2009) com vista ao seu de-

pósito no Museu Nacional de Arqueologia (concretizado em Janeiro de 2010 e formalizado em 2013). Prevê-se para 2014 a incorporação da colecção no acervo naquele Museu.

A integração da colecção do NARC no MNA assume extraordinária relevância, pois assegura a salvaguarda e coesão da colecção (artefactos, ecofactos, documentação de campo), consolida a relação privilegiada entre o Museu e o “gestor do sítio” (Fundação Millennium bcp) e concretiza a integração de uma colecção de referência, resultante de uma intervenção na cidade de Lisboa, recente e bem documentada, neste museu nacional. Por outro lado, garante boas condições de acesso e trabalho aos investigadores, proporcionando-lhes um espaço de contacto, troca de experiências e proximidade com outros colegas e especialistas de várias áreas, bem como um fácil acesso a bibliotecas especializadas (no MNA e na DGPC).

Relativamente à investigação científica, destacam-se: estudo do complexo industrial romano de salga e conserva de peixe (entre 1993 e 1997, no âmbito de mestrado), estudo de um contexto cerâmica comum medieval (entre 1996 e 1997), estudo do espólio anfórico romano (iniciado em 1999 e que ainda decorre), projecto de investigação sobre produção e consumo de cerâmica islâmica (entre 1998 e 2006), estudo de restos botânicos de época islâmica (1999), estudo da fauna mamalógica islâmica (2001), estudo e conservação de capitel tardo-medieval e

painel de azulejos seiscentista (entre 2001 e 2013), estudo dos restos ictiológicos romanos (2006), estudo do espólio vítreo (entre 2007 e 2010), estudo dos contextos da Idade do Ferro (entre 2007 e 2011, no âmbito de doutoramento), estudo da necrópole romana (entre 1996 e 2012), estudo da fauna mamalógica romana (2010), estudo das produções cerâmicas romanas (desde 2011, no âmbito de doutoramento), estudo das lucernas romanas (2012), estudo das cerâmicas campanienses (2013), estudo dos contextos tardo-antigos (2013), estudo da fauna mamalógica da Idade do Ferro (2013).

Após a apresentação em 1997, da primeira tese de mestrado em 1997 e da primeira tese de doutoramento em 2011, sobre contextos do NARC, espera-se que a investigação em âmbito académico possa prosseguir nos próximos anos, nomeadamente para os contextos que ainda permanecem essencialmente inéditos, como sejam os de cronologia medieval e moderna.

Como consequência do processo de investigação, a publicação científica dos contextos do NARC tem decorrido de forma contínua, registando-se, entre 1991 e 2013, 43 referências monográficas sobre o sítio (a que se juntam cinco trabalhos no prelo e inúmeras referências ao NARC em sínteses e outros trabalhos científicos) e cerca de 40 comunicações, apresentações, conferências e palestras científicas, com a participação de mais de quatro dezenas de autores.

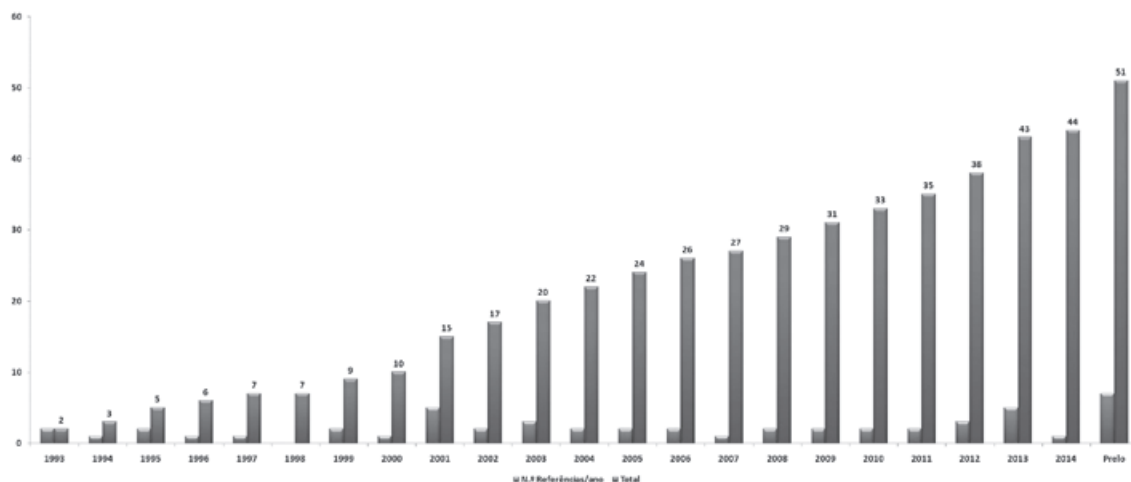


Figura 2 – Referências bibliográficas monográficas sobre o NARC.

Ao nível da manutenção, monitorização e conservação do sítio arqueológico, há a referir as acções de manutenção e conservação preventiva na área arqueológica, asseguradas pela Tutela até 2012. Entre 2003 e 2004, foi implementado um sistema de monitorização ambiental (nível freático, temperatura e humidade relativa) instalado em todo o espaço museológico (Gonçalves e Bugalhão, 2004). A manutenção da área arqueológica e museológica é assegurada desde finais de 2012 por uma empresa especializada contratada para este efeito, cuja acção é acompanhada tecnicamente pela tutela, nos termos da legislação em vigor.

A divulgação do NARC junto do público foi desde o primeiro momento uma prioridade, destacando-se logo em 1995, e como já foi referido, a formação da equipa de guias para acompanhamento de visitas guiadas, edição de guia-catálogo e desdobrável.

Nos anos seguintes, para além da inclusão em roteiros turísticos, divulgação junto dos *media*, edição de brochura de apoio à visita (2001) e promoção de pequenas exposições temporárias em agências bancárias, ocorreram diversas cedências de peças do NARC para exposições temáticas de expressão nacional, que muito contribuíram para a notoriedade do sítio junto da comunidade arqueológica e do público em geral: *Dar Futuro ao Passado* – IPPAR (1993); *Lisboa Subterrânea*, no âmbito da *Lisboa, Capital Europeia da Cultura* – MNA/IPM (1994); *De Ulisses a Viriato: O primeiro milénio A.C.* – MNA/IPM (1996-1997); *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais* – MNA/IPM (1997-1998); *O Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* – MNA/IPM (1998-1999); *Vasos Gregos em Portugal – Aquém das Colunas de Hércules* – MNA/IPM (2007).

A partir de 2009, a Fundação Millennium bcp iniciou um processo de revitalização e maior investimento no NARC como equipamento cultural ao serviço do público, com a abertura da Galeria Millennium, espaço anexo ao NARC utilizado para albergar exposições temporárias, passando a permitir entrada/acesso pela Rua Augusta, uma localização privilegiada. Foi constituída uma equipa téc-

nica especializada permanente de três arqueólogos para apoio às visitas, quer às exposições temporárias, quer ao NARC que viu alargado em o seu horário de visitas (de Segunda a Sábado, das 10h00 às 18h00).

As exposições temporárias promovidas na Galeria Millennium são de temática variada, consagrando contudo um espaço privilegiado à temática arqueológica e aos contextos do NARC propriamente ditos. Refiram-se as exposições *Mértola - o último porto do Mediterrâneo*, 2009 (com mais de 1.000 visitantes); *Produção e consumo de cerâmica em Lisboa no período islâmico* – NARC, entre 2009 e 2010 (com mais de 1.500 visitantes); *Ossos que contam História*, entre 2010 e 2011 (com mais de 20.000 visitantes); e *Olisipo, cidade de um império global & A Sardinha Romana* (com mais de 11.000 visitantes). Em 2014, será apresentada ao público a exposição temporária *Lisboa Pré-clássica: um porto mediterrâneo no litoral atlântico*¹.

Ainda no que se refere à divulgação, cumpre mencionar, a edição do guia infanto-juvenil (2009), a associação às *Festas de Lisboa* (a partir de 2011), a participação em iniciativas de divulgação patrimonial de âmbito nacional (como a *Feira do Património Millennium BCP* em Outubro de 2013, o *Festival dos Oceanos* em 2011 e 2012 e a *Festa da Arqueologia da AAP* em 2013) e internacional (como o *Dia Internacional de Monumentos e Sítios*, o *Dia Internacional de Museus* e as *Jornadas Europeias do Património*), iniciativas de animação e recreação histórica e as muito apreciadas visitas em horário nocturno.

3. O NARC E O SEU PÚBLICO

Relativamente ao público do NARC, salienta-se, em primeiro lugar, que não é cobrado qualquer valor de ingresso, facto que qualifica significativamente a natureza mecenática no trabalho aqui desenvolvido pela Fundação Millennium bcp. Após os primeiros

¹ Esta exposição viria a decorrer entre Março e Maio de 2014, tendo registado cerca de 6.500 visitantes (nota acrescentada em fase de revisão de provas).



Figura 3 – Edições de divulgação e apoio à visita do NARC.

anos em que o número anual de visitantes se localizava à volta dos cinco milhares, a partir de 2010, o valor aproxima-se dos 10.000 visitantes/ano, dos quais cerca de 25% são estrangeiros (de todos os continentes, mas essencialmente europeus e com bons registos para os norte-americanos, brasileiros e canadianos). Até final de 2013, visitaram o sítio cerca de 125.000 pessoas.

Este contacto permanente com os mais diversos segmentos de público tem permitido algumas reflexões à equipa de arqueólogas que efectua as visitas guiadas.

A apresentação de um sítio arqueológico e seu espólio é complexa, no que se refere à transmissão de conteúdos claros, inequívocos e apreensíveis. Algumas dúvidas mais frequentes no caso em estudo



Figura 4 – Visita guiada ao NARC.

relacionam-se com os processos de formação do próprio sítio arqueológico, como por exemplo: *Porque estão as coisas enterradas? Foi por causa do terramoto? Porque construíram em cima de outra cidade? Porque estava o esgoto (séc. XVIII) a despejar*

para dentro do tanque (romano)? Verificam-se também dúvidas e equívocos relacionados com uma mais débil formação ou informação do público, expressas em questões sobre as *grutas romanas* ou sobre as *catacumbas*, e, mais específicas de Lisboa e do NARC, sobre as *termas da Rua da Prata*, ou, de forma mais exacta, sobre o criptopórtico, monumento muitas vezes confundido com o sítio pela sua proximidade e igual cronologia.

Por outro lado, a enorme diversidade de públicos representa um desafio acrescido no que se refere à adaptação do discurso. A narrativa é adaptada no idioma (inglês, francês, espanhol; situação mais difícil em grupos multilingues), à faixa etária (crianças *versus* adultos), ou ao nível intuído de formação do visitante (um maior conhecimento sobre as temáticas históricas abordadas, bem como as próprias questões colocadas, podem determinar um aumento do detalhe e da complexidade técnica da mensagem transmitida).

Por norma, utiliza-se um discurso expositivo, com recurso a vocabulário simples (sem terminologia específica arqueológica) e partindo do princípio que o público não tem conhecimentos aprofundados sobre os temas. Para transmitir realidades passadas que muitas vezes não são perceptíveis de forma abstrata, recorre-se com frequência a exemplos/comparações (dos nossos dias) que ilustrem o que se pretende transmitir. Se por um lado, a falta de formação e informação histórica de base por vezes significa um motivo de menor compreensão do discurso transmitido, o conhecimento directo e empírico de realidades rurais e de um passado recente (as técnicas antigas de construção de casas em pedra e lareiras; os hábitos de vida tradicional, como a confecção de conservas em salmoura, ou a cozedura caseira do pão), permite a alguns visitantes uma melhor compreensão e até visualização mental dos contextos arqueológicos que visitam.

O público com formação e informação histórica mais sólida encara as visitas guiadas como uma aprendizagem e uma forma de consolidação de conhecimentos. Este tipo de visitantes compreende com maior facilidade a informação transmitida, mas

questionam-na frequentemente, por não coincidir com o seu conhecimento prévio, o que revela a enorme disparidade dos discursos históricos disponíveis na actualidade.

É interessante verificar que, no caso do NARC, como provavelmente noutros também, as crianças entre os sete e os 12 anos são o público mais exigente, mas também mais compensador! Revelam um conhecimento histórico “fresco” de origem escolar e um espírito aberto à novidade que lhes permite apreender com facilidade o discurso transmitido. Na generalidade, demonstram aptidão, interesse, capacidade de observação e perspicácia na compreensão das estruturas arqueológicas que visitam. São curiosos, sem preconceitos e não se autocensuram: quando não percebem, perguntam!

Para este grupo de visitantes, promove-se especialmente um discurso acompanhado do método interrogativo – chegar às respostas certas, através de perguntas. Sempre que possível, procura-se a *educação arqueológica genérica*, relacionada com a aprendizagem dos processos de formação dos sítios arqueológicos em geral e dos ribeirinhos e urbanos em particular. E também a *educação e sensibilização patrimonial*, tentando explicar porque há condicionantes prévias às obras em algumas zonas da cidade; o que é e para que serve a conservação pelo registo; e sobretudo, porque não há museus em todos os sítios arqueológicos?

Outro aspecto interessante desta experiência já com mais de quatro anos, é constatar que a visita guiada não é um valor absoluto: alguns visitantes preferem não ter guia, por vezes para ultrapassarem a limitação dos horários fixos, mas também porque preferem a observação simples, com apoio dos materiais de divulgação disponíveis ou até, a *contemplação*, em detrimento da *informação*. Porém, verifica-se que grande parte daqueles que estavam à partida renitentes com a visita guiada, no final da mesma, acaba frequentemente por concordar que a complexidade estratigráfica e crono-cultural do sítio impediria a sua compreensão sem acompanhamento profissional.

No fundo, o objectivo almejado, aparentemente

te simples mas notoriamente complexo e difícil, é fazer os visitantes compreender a formação do sítio arqueológico e o conhecimento histórico que ele traduz.

Esta experiência de apresentação de um sítio arqueológico complexo em meio urbano a vários tipos de público, permite, principalmente, assegurar algum retorno social para o qual a ciência arqueológica também tem o dever de contribuir. Esta aproximação ao cidadão comum ambiciona a construção de uma consciencialização colectiva da importância do património arqueológico e cultural, através de uma viagem por milénios de História no centro da cidade de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Clementino, coord. (1995). *Núcleo Arqueológico Rua dos Correeiros*. Catálogo. Lisboa, Fundação Banco Comercial Português.

AMARO, Clementino; BUGALHÃO, Jacinta; RAMALHO, Maria (1993). A Baixa Pré-Pombalina: alguns aspectos urbanísticos. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, pp. 227-237.

AMARO, Clementino; CAETANO, Maria Teresa (1995). Breve nota sobre o complexo fabril romano da rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*: 32-33, Coimbra, pp. 283-294.

AMARO, Clementino; BUGALHÃO, Jacinta; SABROSA, Armando (1996). A Fábrica Romana da Salga de Peixe da Rua Augusta – Notícia Preliminar. *Actas das I Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e Sado*, 1991. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal/Publicações Dom Quixote, pp. 199-214.

AMARO, Clementino (1999). Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros: exemplo do sítio arqueológico musealizado na Baixa Pombalina. *O Arqueólogo Português*, 17, Série 4. Lisboa, pp. 465-487.

AMARO, Clementino (2000). Núcleo Arqueológico de la Rua dos Correeiros – Fundación Banco Comercial Português: un sítio musealizado en la Baixa de Lisboa. *Museus y museología en Portugal, Una ruta ibérica para el futuro* (Monografías da Revista de Museología, 1). Madrid: Asociación Española de Museólogos, pp. 150-157.

ASSIS, Carlos; AMARO, Clementino (2006). Estudo dos restos de peixe de dois sítios fabris de Olisipo. *Actas do Simpósio Internacional "Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península*

Ibérica – Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal 7-9 Maio 2004 (Setúbal Arqueológica, 13). Setúbal, pp. 123-144.

BUGALHÃO, Jacinta (2001). *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia, 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BUGALHÃO, Jacinta, dir., no prelo. *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboeta* (Arqueoarte, 2). Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores.

BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de; DUARTE, Cidália (2013). Uma necrópole na praia – o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: DGPC; pp. 243-275.

BUGALHÃO, Jacinta; CARVALHO, Rui (2002). *Núcleo Arqueológico da Rua das Correeiros*. Brochura. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

BUGALHÃO, Jacinta; CARVALHO, Rui (2002). Núcleo Arqueológico da Rua das Correeiros. *BCP Hifen*, 19 (Abril). Lisboa, pp. 54-62.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2001). O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*, 7, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 111-145.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2003). Islamic Pottery Production in the Outskirts of Lisbon. *VIIe Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée, Tessalónica, 1999. Actes*. Athènes: Ministère de la Culture/Caisse des Recettes Archéologiques, pp. 691-696.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João; GONZALEZ TINTURÉ, Antónia; Dias, MARIA ISABEL; PRUDÊNCIO, Maria Isabel (2009). La production céramique islamique à Lisbonne: conclusions d'un Project d'investigation. *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval*. Tomo I. Ciudad Real: AIECM, pp. 373-398.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João (2003). Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Arqueologia Medieval*, 9. Porto: Edições Afrontamento, pp. 129-191.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João (2007). Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarim Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10: 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 317-343.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João; FOLGADO, Deolinda; GONZÁLEZ TINTURÉ, Antónia; MORENO-GARCÍA, Marta; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel (2008). Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa: conclusões de um projecto de investigação. *Arqueologia Medieval*, 10. Porto: Edições Afrontamento, pp. 113-134.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMÉZ, Susana (2005). Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII-XIII)*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 237-262.

BUGALHÃO, Jacinta; QUEIROZ, Paula (2006). Testemunhos do consumo de frutos no período islâmico, em Lisboa. *Al-Andaluz espaço de Mudança – Balanço de 25 anos de História e Arqueologia Medievais. Homenagem a Juan Zozaya Stabel-Hansen*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 195-212.

BUGALHÃO, Jacinta; SABROSA, Armando (1993). O Complexo Industrial Romano da Baixa – uma unidade de salga de Peixe na Rua Augusta (Lisboa). *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35:3). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 379-406.

BUGALHÃO, Jacinta; SABROSA, Armando; MONTEIRO, José Luís (1994). BCP – Rua Augusta/Rua dos Correeiros, campanha de 1993/94. *Al-madan*, 3, II série. Almada, p. 110.

DETRY, Cleia; CARDOSO, João Luís; BUGALHÃO, Jacinta, no prelo. A alimentação em Lisboa no decurso da Idade do Ferro: estudo dos restos mamalógicos das escavações realizadas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. *Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*.

DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel; BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João; FOLGADO, Deolinda (2009). A produção de cerâmicas no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica – primeiros resultados arqueométricos. *A Ocupação Islâmica da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular* (Promontoria Monográfica, 11). Faro: Universidade do Algarve, pp. 157-163.

DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel; GOUVEIA, Maria Ângela (2001). Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica. *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: IPPAR/Junta de Extremadura, pp. 257-281.

DIAS, Maria Isabel; TRINDADE, Maria José; FABIÃO, Carlos; SABROSA, Armando; BUGALHÃO, Jacinta; Raposo, Jorge; GUERRA, Amílcar; DUARTE, Ana Luísa; PRUDÊNCIO, Maria Isabel (2012). Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. In DIAS, Maria Isabel; CARDOSO, João Luís, eds. *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011)* (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 19). Oeiras: Câmara Municipal, pp. 57-70.

DIAS, Vanessa (2013). A Cerâmica campaniense proveniente dos sítios arqueológicos da cidade de Lisboa. Uma abordagem preliminar. *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 717-726.

DUARTE, Cidália (2001). Sepultura tardo-romana do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Descrição antropológica. *A indústria romana de transformação e conserva de peixe, em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia, 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 161-167.

FABIÃO, Carlos (2010). *A Sardinha Romana. Desdobrável*. Lisboa: Fundação Millennium bcp.

FABIÃO, Carlos (2011). Felicitas Iulia Olisipo. *Cidade de um império global. Desdobrável*. Lisboa: Fundação Millennium bcp.

GASPAR, Alexandra; AMARO, Clementino (1997). Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du Vème Congrès l'AIECM2*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, pp. 337-345.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana, no prelo. Recipientes de medidas da cidade de Lisboa. *X Congresso Internacional "A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo"*. Silves, 22 a 27 de outubro de 2012.

GONÇALVES, Pedro; BUGALHÃO, Jacinta (2004). Projecto de monitorização do nível freático na Baixa. *Monumentos*, 21. Lisboa: DGEMN, pp. 158-159.

GRILLO, Carolina (2013). As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: DGPC, pp. 243-275.

GRILLO, Carolina, no prelo. Produção e consumo na economia local de Olisipo. A cerâmica de imitação de sigillata do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *II Congresso Internacional da Secah – Ex Officina Hispana Classica Instrumenta. As produções cerâmicas de imitação na Hispania. Braga, de 3 a 6 de abril de 2013*.

GRILLO, Carolina; FABIÃO, Carlos; BUGALHÃO, Jacinta (2013). Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, (NARC). *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 849-857.

MEDICI, Teresa (2008). A Medieval Enameled Beaker from Lisbon. *Journal of Glass Studies*. Corning, 50, pp. 316-318.

MEDICI, Teresa (2012). O espólio vítreo do núcleo museológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 14. Lisboa: IGESPAR, pp. 313-353.

MEDICI, Teresa (2012). Un bicchiere decorato a smalto da Lisbona. *Atti delle XI Giornate Nazionali di Studio. Il vetro nel Medioevo tra Bisanzio, l'Islam e l'Europa (VI-XIII secolo)*. *Aggiornamenti sca-*

vi e ricerche sul Vetro. Venezia 19-21 ottobre 2007. Venezia: Comitato Nazionale Italiano Association Internationale pour l'Histoire du Verre, pp. 99-105.

MORENO-GARCÍA, Marta; GABRIEL, Sónia (2001). *Faunal remains from islamic contexts at Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisbon* (Trabalhos do CIPA, 20). Lisboa, 30 p. Documento policopiado.

MORENO-GARCÍA, Marta; PIMENTA, Carlos; RUAS, José Paulo (2010). *Ossos que contam História. Desdobrável*. Lisboa, Fundação Millennium bcp.

PRUDÊNCIO, Maria Isabel; DIAS, Maria Isabel; RAPOSO, Jorge; GOUVEIA, Maria Ângela; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; BUGALHÃO, Jacinta; DUARTE, Ana Luísa; SABROSA, Armando (2003). Chemical Characterisation of Amphorae from Tagus and Sado Estuaries Production Centres (Portugal). *Ceramic in the Society: proceedings of the 6th European Meeting on Ancient Ceramics (Fribourg, Switzerland, 3-6 October 2001)*. Fribourg: Department of Geosciences, Mineralogy and Petrography, pp. 245-253.

QUEIROZ, Paula Fernanda (1999). *Testemunhos alimentares do período islâmico em Lisboa. Estudo paleobotânico do depósito conservado numa estrutura romana reaproveitada em período islâmico no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, BCP/Lx*. Lisboa, 11 p. Documento policopiado.

RAPOSO, Jorge; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; BUGALHÃO, Jacinta; DUARTE, Ana Luísa; SABROSA, Armando; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel (2005). OREsT Project: late Roman pottery productions from the Lower Tejo". In GURT i ESPARRAGUERA, J. M.ª; BUXEDA i GARRIGÓS, J. e CAU ONTIVEROS, M. A., eds. *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (British Archaeological Reports. International Series, 1340). Oxford, pp. 37-54.

SABROSA, Armando; BUGALHÃO, Jacinta (2004). As ânforas béticas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.) Universidade de Cádiz, Noviembre 2003* (British Archaeological Reports. International Series, 1266), Oxford, pp. 571-586.

SOUSA, Elisa Rosa Barbosa de (2011). *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/4508>.

VALENZUELA-LAMAS, Silvia (2013). *Informe de los restos arqueozoológicos de los niveles romanos del yacimiento NARCBCP da Rua dos Correeiros (Baixa, Lisboa)*. Documento policopiado.

VALENZUELA LAMAS, Silvia, no prelo. Mammal remains from the Governor's House (Belém Tower, Lisbon) and the archaeological site in the Rua dos Correeiros (Baixa, Lisbon) in the context of fish processing factories in Lusitania. *ZaP 2012 – I Congresso Internacional de Zooarqueologia em Portugal, Lisboa, 8-9 de Março 2012*.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2013

www.arqueologos.pt